

Humor, semiolinguística e piadas: uma proposta de análise

*[Humor, jokes and semiolinguistics: a
proposal for analysis]*

RONY PETTERSON GOMES DO VALE

Doutorando em Estudos Linguísticos – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; CAPES-REUNI.

[ronyvale@gmail.com]

RENATO DE MELLO

Doutor em Estudos Linguísticos – UFMG. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

[ufmgrenato@hotmail.com]

RESUMO

O presente artigo procura apresentar uma proposta de análise do Discurso Humorístico, tendo como base os postulados da Teoria Semiolingüística aliados aos critérios descritivos propostos por Patrick Charaudeau em seu texto *Des catégories pour l'humour*, de 2006. Imersos no campo da Análise do Discurso, vamos apontar as principais características do Discurso Humorístico a partir da sua *mise en scène triádica* constituída pelo locutor, destinatário e alvo (*cible*), vislumbrando o papel desses sujeitos em “histórias engraçadas” (*histoires drôles*), tanto no plano não ficcional (situação de comunicação) quanto no ficcional (situação de enunciação), por meio do desdobramento das identidades discursivas (MELLO, 2004, 2006). Sabendo que os atos de comunicação humorísticos têm a capacidade de atravessar vários gêneros textuais/discursivos, procuramos, neste texto, nos ater a algumas piadas em língua portuguesa e verificar como os procedimentos languageiros são utilizados na busca de efeitos pretendidos baseados no humor.

Palavras-chave

Discurso; Humor; Piadas; Análise do Discurso; Semiolingüística.

RÉSUMÉ

Ce papier présente une analyse des discours humoristique, basée sur les postulats de la Théorie Sémiolingüistique alliée à des critères descriptifs proposée par Patrick Charaudeau dans son article Des catégories pour l'humour de 2006. Immergé dans le domaine de l'Analyse du Discours, nous soulignons les principales caractéristiques du discours humoristique de sa mise en scène triadique constitué par le locuteur, le destinataire et la cible, soulignant le rôle de ces sujets dans les histoires drôles, à la fois dans le plan de la non fiction (situation de communication) et le plan de la fiction (la situation d'énonciation), par le déploiement des identités discursives (MELLO, 2006) et (2004). Sachant que les actes de communication humoristique ont la capacité de traverser plusieurs genres textuels/discursive, dans cet article, nous cherchons nous en tenons à certaines blagues en portugais et voir comment les procédures langagiers sont utilisés dans la recherche des effets de sens en fonction de l'humour.

Mots-clés

Discours, Humour, Plaisanteries, Analyse du discours; Sémiolingüistique.

Introdução

A questão da análise dos atos humorísticos pode ser encontrada em escritos de várias áreas do conhecimento: retóricos, estilísticos, filosóficos, psicológicos, entre outros, o que cria um quadro teórico possuidor de uma infinidade de definições e categorias – muitas vezes pouco operatórias. De posse dessa ideia, Charaudeau (2006, p. 21) procura admitir que o termo humor serve para designar “uma noção genérica [...] que pode se fazer objeto de diversas caracterizações.”¹. Diante disso, o mesmo autor propõe, a partir de parâmetros oriundos da Análise do Discurso, elaborar/elencar categorias que possibilitem a descrição e a caracterização desse tipo de ato linguístico em uma perspectiva discursiva.

Desse modo, procuraremos, neste artigo, mostrar como tais critérios de análise apontados por Charaudeau podem ser aplicados a um pequeno *corpus* em língua portuguesa. Além disso, propomo-nos a discutir como a descrição e a análise do Discurso Humorístico, em suas materializações, devem sofrer adaptações, de modo a garantir uma maior legitimidade dos dados encontrados². Assim, este artigo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, mostraremos os principais postulados de Charaudeau (2006) para a análise do ato humorístico; em segundo lugar, avançaremos na discussão sobre a aplicação desses postulados, procurando adaptá-los à realidade de um grupo de piadas, buscando generalidades relacionadas a esse ato humorístico; por último, demonstraremos uma proposta de análise desse *corpus*, apontando algumas questões mais particulares do gênero.

1. Discurso Humorístico: características gerais e categorias de análise

Charaudeau (2006) admite que o ato de comunicação humorístico não deve ser considerado como a totalidade de uma situação de comunicação, o que implica considerar que esse ato pode fazer parte de qualquer tipo de situação, inserido potencialmente numa diversidade de contratos: publicitário, midiático, conversacional etc. Isso leva o teórico a postular que o ato humorístico é “uma certa maneira de dizer no interior de diversas situações, um ato de enunciação com fins de estratégia para fazer de seu interlocutor um cúmplice”³ (CHARAUDEAU, 2006, p. 22).

1 No original: “[...] une notion générique qui [...] peut faire l’objet de diverses catégorisations.”

2 Para maiores detalhes sobre as questões teóricas e práticas apresentadas aqui *vide*: VALE, R. A **mulher nas piadas de almanaques**, 2009.

3 No original: “Il est plutôt une certaine manière de dire à l’intérieur de ces diverses situations, un acte d’enonciation à des fins de stratégie pour faire de son interlocuteur un complice.”

Ressalta-se, ainda, que a análise do ato humorístico deve ir além da descrição dos jogos de palavras, que evidenciaríamos somente uma atividade lúdica. Assim, com o objetivo de estudar o ato de comunicação humorístico, devemos descrever:

- A situação de comunicação;
- A temática predominante;
- Os procedimentos linguageiros colocados em funcionamento;
- Os efeitos suscetíveis de serem produzidos no auditório.

Em (a), o ato humorístico deve ser considerado como uma *mise en scène triádica*, ou seja, caracterizada pela “presença” de três sujeitos⁴: o locutor, o destinatário e o alvo⁵ (*cible*):

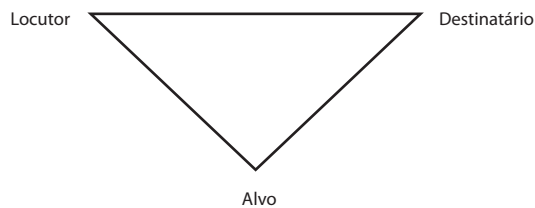


Figura 1: Representação da *mise en scène triádica*

>> O locutor – sujeito que produz o ato humorístico numa determinada situação de comunicação, na qual ele levará em conta dois fatores: as coerções e a forma de enunciação. Quanto às coerções, esse sujeito deve saber se ele possui autorização para produzir tal ato, ou seja, se é legitimado, uma vez que esse ato pode “ferir” o interlocutor, tornando este último uma vítima. Em outros casos, o ato de humor visa a atingir um outro, levando o interlocutor a se tornar uma espécie de cúmplice. Quanto à forma de enunciação, o locutor pode contar uma “história engraçada” (*histoire drôle*), trazendo para a cena personagens-enunciadores que possuem certas identidades (papéis sociais) sobre as quais repousa o sucesso do ato de humor.

4 Como todo modelo esquemático, esse esboço da *mise en scène triádica* não deve ser considerado como estanque e rígido em relação à quantidade de sujeitos envolvidos, uma vez que os sujeitos podem se desdobrar em outras instâncias como postula a Teoria Semiolinguística.

5 Essa instância deve ser considerada uma instância cambiante que ora pode representar um sujeito indiretamente presente durante o ato de linguagem, ora se fundir tanto ao locutor (no caso da autoironia) ou ao destinatário (tornando-o cúmplice ou vítima do ato). Isso nos leva a pensar que existem similitudes entre o alvo e a categoria de terceiro (*tiers*), pois ambas dizem respeito a uma instância presente, ainda que indiretamente, no ato da enunciação: aquela de quem se diz. Além disso, não devemos confundir a instância do alvo com o sujeito destinatário (TU_d), mesmo que esse seja considerado uma espécie de expectativa, aposta, escopo para locutor.

>> O destinatário – sujeito chamado a participar da *mise en scène* do ato humorístico assumindo ora papel de cúmplice, ora de vítima. Enquanto cúmplice, o locutor busca sua convivência, chamando-o “a partilhar a visão decalcada do mundo que propõe o enunciador, além do julgamento que esse coloca sobre o alvo”⁶ (CHARAUDEAU, 2006, p. 23). É transformado, desse modo, em uma espécie de “testemunha” do ato de comunicação do locutor. Enquanto vítima, esse sujeito é tornado, ao mesmo tempo, o destinatário e o alvo, podendo assumir duas posições: 1) aceitar rir de si mesmo; ou 2) fazer “ouvidos de mercador”. Sua réplica, no entanto, se existir, terá, provavelmente, um caráter semelhante à agressão sofrida.

>> O alvo é a entidade sobre a qual o ato de humorístico recai.

Pode possuir natureza de pessoa (individual ou coletiva), na posição de terceiro protagonista da cena humorística, na qual se coloca em censura o comportamento psicológico ou social, sublinhando os defeitos ou os ilogismos de suas maneiras de ser e de fazer aos olhos do julgamento social de normalidade...⁷ (CHARAUDEAU, 2006, p. 23 – tradução nossa).

Além disso,

é por intermédio do alvo que o ato humorístico questiona as visões normatizadas do mundo procedendo aos desdobramentos, às disjunções, às discordâncias, às dissociações dentro da ordem das coisas⁸ (CHARAUDEAU, 2006, p. 24 – tradução nossa).

Em (b), devemos tratar mais especificamente de definir o domínio ou o universo de discurso sobre o qual o ato de comunicação humorístico está fundado. Apesar das dificuldades em circunscrever tais domínios, Charau-
deau (2006) sugere uma distinção simples com a finalidade de determinar quais são os domínios de discurso partilhados pelos protagonistas do ato humorístico. Isso porque é sobre essa distinção que repousam os tipos e os possíveis efeitos de humor baseados em visões decalcadas do mundo. O locutor do ato humorístico joga com essas visões, esperando que elas sejam partilhadas pelo seu destinatário. Disso resulta a questão de saber

6 No original: “[...] il est appelé à partager la vision décalée du monde que propose l'énonciateur, ainsi que le jugement que celui-ci porte sur la cible.”

7 No original: “La cible est ce sur quoi porte l'acte humoristique ou ce à propos de quoi il s'exerce. Ce peut être une personne (individu ou groupe), en position de troisième protagoniste de la scène humoristique, dont on met à mal le comportement psychologique ou social en soulignant le défauts ou les illogismes dans ses manières d'être et de faire au regard d'un jugement social de normalité [...]”

8 No original: “C'est par l'intermédiaire de la cible que l'acte humoristique met en cause des visions normées du monde en procédant à des dédoublements, des disjonctions, des discordances, des dissociations dans l'ordre des choses.”

se pode ser feito humor sobre tudo, ou seja, determinando-se a temática, vislumbrar-se-ão as possíveis coerções impostas ao locutor.

Em (c), Charaudeau (2006) afirma que os procedimentos languageiros podem ser divididos em dois tipos: 1) os linguísticos; e 2) os discursivos. Quanto aos primeiros, são definidos como procedimentos que “dependem de um mecanismo léxico-sintático-semântico que concerne ao explícito dos signos, sua forma e seus sentidos, assim como à relação forma-sentido”⁹ (CHARAUDEAU, 2006, p. 25). Além disso, tais mecanismos não são em si portadores de valor humorístico, podendo ser utilizados em diferentes gêneros sérios como a poesia. Quanto aos procedimentos discursivos, estes dependem mais diretamente dos mecanismos de enunciação do ato humorístico: dos sujeitos e de suas posições assumidas; do contexto; e dos domínios temáticos partilhados.

Em (d), Charaudeau (2006, p. 35) considera os efeitos possíveis do ato humorístico como resultantes de *mise en cause* (questionamento) de uma visão do mundo, buscando uma convivência (que pode ser lúdica, crítica, cínica, de derrição, ou *plaisanterie*¹⁰) do destinatário.

Diante do exposto, vejamos um esboço de análise de um grupo de piadas de modo a evidenciar como tais preceitos de descrição do ato humorístico devem ser aplicados, levando-se sempre em conta as características dos textos e dos discursos analisados.

2. Piadas: representantes genéricos do Discurso Humorístico

Tidas comumente como histórias curtas e engraçadas¹¹, de final geralmente surpreendente, que têm como fim causar o riso, a gargalhada, as piadas possuem como característica básica a sua variedade de assuntos: profissões, políticos, minorias étnicas, crianças, animais, entre outros. Nelas são encenadas as mais variadas situações do cotidiano como discussões entre pai e filha, brigas entre marido e mulher, diálogos entre familiares, situações de

9 No original: “*Les procédés linguistiques relèvent d’un mécanisme lexico-syntaxique-sémantique qui concerne l’explicite des signes, leur forme et leurs sens, ainsi que les rapports forme-sens.*”

10 Em português, literalmente, brincadeira. Termo de difícil tradução no contexto do artigo, pois deve ser assumido no sentido restrito de um comentário colocado sobre um enunciado que acabou de ser dito, diminuindo, assim, seu caráter sério: “estava só brincando”.

11 Os dicionários normalmente elencam vários sinônimos para o termo piada como, por exemplo: “chiste”, “pilhéria”, “anedota”, “dito espirituoso”, “gracejo”, “bufonaria”, entre outros. Adotaremos, neste trabalho, também um sentido lato para o termo piada, uma vez que é próprio das piadas possuir uma relativa liberdade quanto: a) à sua estrutura textual (indo desde uma simples narrativa a uma dramatização de um diálogo do cotidiano); b) a ser ou não espirituosa; c) a estar ou não relacionada a personalidades históricas etc.

sala de aula, consultas médicas, entre outras, nas quais personagens representam diferentes tipos de relações sociais. Essas pequenas histórias, ademais, esboçam, por meio do humor, temas que podem ser considerados vestígios de diferentes discursos sobre um mesmo objeto. Isso se deve ao fato de que esses discursos são construídos a partir imagens estereotipadas de pessoas, de situações, de instituições etc. e de mecanismos linguísticos como a ambiguidade ou o duplo sentido.

Para este artigo, selecionamos um grupo de piadas de modo a mostrar, além da constituição do ato humorístico, o potencial desse gênero discursivo/textual (neste caso específico) para reproduzir os mais variados tipos de discurso, muitas vezes, simultaneamente.

2.1. A situação de comunicação nas piadas

Como se sabe, outros discursos podem ser transmitidos por meio de piadas: uma possibilidade aberta pelo próprio ato de comunicação humorístico que se apresenta mais como um modo de dizer, uma estratégia para tornar o interlocutor um cúmplice em diversas situações (cf. CHARAUDEAU, 2006). Isso nos leva a pensar nas piadas como uma das (diversas) materializações do discurso humorístico. Cientes disso, buscaremos, nesse primeiro momento, evidenciar a confluência das instâncias enunciativas presentes no quadro comunicacional proposto pela Teoria Semiollingüística (CHARAUDEAU, 2008), com os sujeitos da *mise en scène triádica*: locutor, destinatário e alvo. Tem-se, desse modo, no circuito externo:

EU_c – instância enunciativa pertencente ao mundo físico sócio-histórico;
TU_i – representa qualquer pessoa que venha a entrar em contato com piadas (sejam elas contadas ou lidas em qualquer tipo de periódico ou suporte);

E no circuito interno:

EU_e – sujeito humorista ou sujeito narrador¹²;
TU_d – sujeito destinatário (de certo modo, uma instância idealizada pelo EU_c);

Alvo – entidades, instituições, pessoas e comportamentos aos quais o EU_c, segundo nossa hipótese, procura atingir e, por consequência, modificar.

12 Quando há o desdobramento da cena para as “histórias engraçadas”.

Como se percebe, as instâncias enunciativas da *mise en scène triádica* se desdobram em vários sujeitos. Assim, o locutor do ato humorístico vê-se desdobrado em EU_c e EU_e. Por sua vez, o destinatário se subdivide em TU_d e TU_r. Já o alvo, devido à sua natureza cambiante, pode ser fusionado a cada uma das demais instâncias desdobradas ou desenvolver uma papel semelhante ao de um terceiro (*tiers*). Por isso, a presença do alvo não aparece explicitada no quadro comunicacional.

Essa potencial existência do alvo nos induz a pensar sobre as visadas¹³ discursivas presentes nas piadas. A relação entre essas visadas discursivas nem sempre é simples de se perceber, pois uma pode estar mascarando a outra, ou seja, o que a princípio se mostra com o objetivo de “fazer-rir” – o que, em muitos casos, não é fácil de se verificar –, na verdade busca a adesão dos ouvinte/leitores contra determinados comportamentos sociais. Colabora para essa “não percepção” da principal finalidade das piadas o fato de que o locutor (desdobrado em EU_e) pode contar uma “história engraçada” (*histoire drôle*) e, nesta, não somente trazer outros sujeitos, as personagens com suas vozes e identidades, mas também construir um simulacro da realidade, no qual novas situações demandarão novos contratos e, por conseguinte, novos componentes, entre eles, diversas visadas.

Por esse motivo, torna-se necessário discutir como essas situações de comunicação ficcionais são construídas, de que natureza são seus componentes e como se dá a relação entre os sujeitos do ato humorístico no nível ficcional.

2.2. A situação de enunciação nas piadas

Para discutir essas situações de enunciação que comportam as personagens nas piadas, iniciaremos com o que chamamos de piada 01:

- Quem é a mulherzinha bonita, que cozeu [sic] o bolso do marido?
- E (sic) que é o que a mulherzinha bonita andou procurando no bolso do marido?¹⁴

13 “As visadas correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23).

14 Fonte: ALMANAQUE CAPIVAROL, 1955, p. 28.

Esse texto pode ser considerado uma “história engraçada”, como prevê Charaudeau (2006), em formato de esquete. O que interessa aqui é destacar a reprodução em um nível ficcional de uma situação comunicativa cotidiana, isto é, um diálogo entre marido e mulher, carregado de segundas intenções. A pergunta que cabe aqui é: haverá um alvo também nesse nível ficcional?

Se tomarmos a proposta de Charaudeau (2006) para a descrição e análise do discurso humorístico, deveremos, então, considerar que a *mise en scène triádica* também se desenvolve nesse nível. Dentro da “história engraçada” ou da cena interna ficcional (como passaremos a denominá-la), encontramos personagens que simulam estar no mundo real. Suas falas são estruturadas também de forma a representar enunciados do mundo real (MELLO, 2004, 2006). Contudo, se seguirmos aplicando o raciocínio de Charaudeau (2006), a existência dessa *mise en scène* ficcional deverá possibilitar-nos a reinterpretção da natureza dos sujeitos envolvidos. De fato, podemos postular para as personagens, classificações semelhantes às dos sujeitos da cena interna não-ficcional, ou seja, elas poderão se constituir enquanto locutor, destinatário (cúmplice ou vítima) e alvo, assumido, assim, todas as características dessas entidades.

Desse modo, para o nosso exemplo (piada 01), teríamos um marido (EU_e no plano ficcional) que, de certo modo, ataca seu destinatário, sua “mulherzinha,” (TU_d também no plano ficcional), tomando esse destinatário como vítima de seu ato de comunicação. Além disso, nessa ação, tem-se a confluência do destinatário com o alvo. Se pensarmos na ação do EU_e (o narrador no plano não-ficcional), há uma espécie de chamado do TU_d (também do plano não-ficcional) a partilhar desse ataque representado na “história engraçada”, constituindo um novo alvo (também no plano não-ficcional). Como veremos adiante, esse desdobramento do alvo abre a possibilidade de que ele possa se fundir (ou não) com as outras instâncias enunciativas presentes no ato humorístico.

Esse encaixotamento de cenas e essa superposição de sujeitos podem ser melhor visualizados na figura 3:

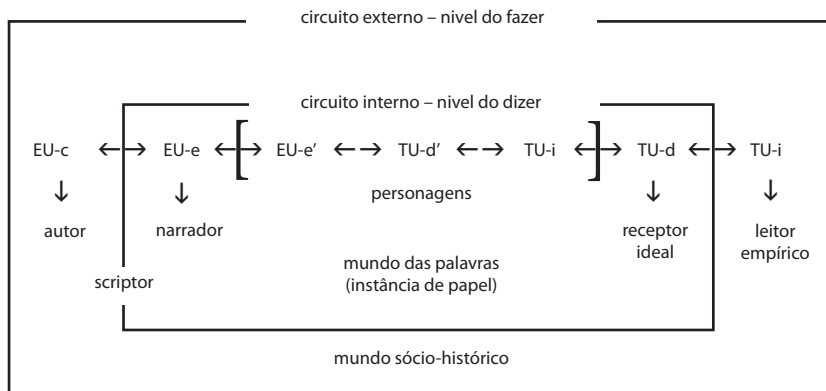


Figura 3: Desdobramento das instâncias enunciativas de acordo com Mello (2004,2006)

Isso nos leva a pensar nessas entidades como lugares a serem preenchidos de acordo com as necessidades do ato de comunicação humorístico. Esses espaços, por sua vez, ao serem preenchidos, trazem implicações – devido à sua própria natureza – para as representações sociodiscursivas utilizadas nessa ação. Assim, em nosso exemplo (piada 01), admitindo-se uma fusão entre TU_d' (tornado vítima) e o alvo, tem-se uma representação da mulher baseada na ganância feminina por dinheiro ou na desconfiança sobre fidelidade do marido. Recai sobre essa representação o ataque do EU_e' (personagem marido), e a busca da convivência do ouvinte/leitor-ideal (TU_d) a compartilhar desse ataque.

Com base nessa proposta exposta até aqui, abre-se a possibilidade de podermos, então, descrever vários *corpora* de modo a: evidenciar os componentes contratuais, levando em consideração as propriedades da *mise en scène triádica* no plano das personagens; transcrever os enunciados capazes de evidenciar o ato humorístico; e criar hipóteses sobre quaisquer representações sociodiscursivas referentes que se apresentam nas piadas. Com isso em mente, acreditamos poder fundamentar a análise do discurso humorístico propriamente dito, buscando: descrever as características desse tipo de discurso (os procedimentos languageiros: discursivos e linguísticos); sua abertura para outros discursos (pluri-isotopias) e os possíveis efeitos de humor evidenciados nas piadas; analisar as modalidades enunciativas que possam evidenciar nossas hipóteses sobre as representações sociodiscursivas, em uma dada sociedade, em um dado momento histórico.

3. Os atos de comunicação humorísticos em piadas: procedimentos linguageiros e efeitos de sentido

Nesta seção, analisaremos como os atos de comunicação humorísticos podem se apresentar em algumas piadas. Consideraremos, primeiramente, que esses atos dizem respeito às enunciações das personagens, ou seja, os atos humorísticos serão entendidos como resultados da interação entre personagens que “fingem” estar no mundo real, uma vez que lidamos com textos que contêm “histórias engraçadas”.

3.1. Os procedimentos linguageiros em piadas

Como dissemos na seção anterior, aqui demonstraremos como, a partir da proposta de Charaudeau (2006) e Mello (2004,2006), podemos analisar as características linguageiras presentes nos enunciados que apresentam (carregam) as marcas do ato de humor em piadas. Iniciaremos discutindo os procedimentos discursivos; em seguida, os procedimentos linguísticos; e, por último, evidenciaremos os efeitos de humor e as visadas discursivas em relação ao ouvinte/leitor de piadas.

3.1.2. Os procedimentos discursivos

A análise dos procedimentos discursivos, como afirma Charaudeau (2006), leva em consideração a tentativa do locutor de tornar seu destinatário um cúmplice, visando a atacar um determinado alvo, por meio de índices que mascaram o dito e que possibilitam a passagem (transmissão) do não-dito. A questão que se coloca é trazer aos olhos os responsáveis por essa “intenção” (no caso, essa visada discursiva). Logo, devemos evidenciar como esse jogo enunciativo se desenvolve nas piadas. Porém, como já afirmamos antes, muitas vezes as piadas reproduzem diálogos do cotidiano com personagens simulando seres humanos, o que implica o desdobramento das cenas enunciativas (ver figura 3). Assim, em um primeiro instante, devemos procurar evidenciar como a enunciação da personagem-sujeito-humorista, representada pelo EU_e , busca a cumplicidade do TU_d contra um alvo. Em um segundo, devemos identificar qual a categoria predominante na fala do EU_e . Para exemplificar essa etapa da análise, tomemos a piada 02:

Mulher: — Geralmente falando, as mulheres estão...
Marido: — (que está distraído) Estão sim...
Mulher: — Estão, o quê?
Marido: — Geralmente falando.¹⁵

Nessa piada, a personagem marido busca a cumplicidade de seu TU_d, representado pela personagem mulher, utilizando-se do conjunto de enunciados: “Estão sim... Geralmente falando”. A questão que salta aos olhos é a reação da personagem mulher que, de certo modo, indica uma indignação. A partir disso, podemos hipostasiar que o alvo, atacado por esse enunciado, mantém uma relação com a classe das mulheres (“As mulheres estão sempre falando...”). Daí assumirmos que o TU_d’ e o alvo se fusionaram, o que proporciona uma desvalorização (ou até mesmo uma agressão) do TU_d’. Essa desvalorização, como ressalta Charaudeau (2006, p. 30-31), leva-nos a proceder à classificação desse ato humorístico na categoria do sarcasmo, pois a personagem marido expressa explicitamente um julgamento negativo, não havendo discordância entre o dito e o não-dito (como acontece na ironia).

3.1.2. Os procedimentos linguísticos

Os procedimentos linguísticos estão relacionados à capacidade dos enunciados de possibilitarem a abertura para um ou mais níveis de leitura ou isotopias. Essa abertura, por sua vez, pode ser realizada pelos mais variados recursos linguísticos: do duplo sentido dos vocábulos aos trocadilhos fonéticos e/ou morfológicos. Por conseguinte, a análise desses procedimentos deve ser realizada caso a caso, de modo a determinar os conectores e os desencadeadores de isotopias¹⁵ e o que Charaudeau (2006, p. 32) chama de jogo semântico baseado em tipos de incoerências. Além disso, é relevante assumir já nesta seção que entre os procedimentos acima arrolados também a modalização, representada pelas modalidades locutivas (CHARAUDEAU, 2008, p. 86-105), se constitui como importante categoria de análise para a explicação de mudança de isotopia.

¹⁵ Tomaremos o conceito de isotopia como a existência de uma certa homogeneidade no plano de leitura de um texto em oposição à pluri-isotopia (ou alotopia), que está ligada à heterogeneidade de sentidos ou à possibilidade de haver ambiguidades em um dado texto (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006). O conceito de pluri-isotopia contribui para evidenciar tanto as mudanças no plano de leitura quanto as estratégias discursivas relacionadas, por exemplo, ao “silenciamento” de determinados discursos. Ela é caracterizada por determinados procedimentos linguísticos ligados à “... permanência [ou não] de um sentido ao longo da cadeia do discurso” (BERTRAND, 2003 apud LARA, 2008, p. 63): os conectores de isotopias, que dizem respeito tanto à isotopia X quanto à isotopia Y, ou seja, podem ser lidos e interpretados proporcionando sentido em ambas; e os desencadeadores de isotopia, elementos que “... se encaixa[m] mal em uma dada leitura e leva[m] à ‘descoberta’ de uma outra isotopia.” (BARROS, 2004, p. 208).

Assim, nossa tarefa aqui é descrever essa abertura proporcionada por recursos linguísticos que, em muitos casos, podem evidenciar a presença de outros discursos nas piadas. Tomemos um exemplo (piada 03):

A professora: — Fale-me alguma coisa, sobre a vida de Irene, Imperatriz de Bizancio.

A alumna: — Ora, professora, não costumo fallar da vida dos outros¹⁶.

Iniciamos a análise dessa piada detectando a existência do conector de isotopia, no caso, o verbo “falar”. No texto, esse verbo assume duas de suas acepções de sentido. Em “fala-me alguma coisa...”, o verbo falar, tomado no sentido de declarar, dizer, fazer um relato sobre alguma coisa (logo, transitivo direto e pronominal), é utilizado em uma modalidade enunciativa alocutiva interrogação, colocando o interlocutor na posição de dever responder, na qual qualquer tentativa de não excussão está sob o risco de sanções (no caso, por parte da professora). Por outro lado, em “... não costumo fallar da vida dos outros...”, o mesmo verbo é utilizado em uma modalidade enunciativa elocutiva de recusa, o que, na situação de comunicação analisada, implicaria as sanções negativas para a personagem aluna. Contudo, o verbo falar é tomado no sentido de falar mal (logo, transitivo indireto) de alguém ou de alguma coisa. A sanção negativa reverte-se em um ato de agressividade contra a professora. Ainda nesse mesmo ato, a aluna novamente desconsidera a situação de sala de aula, atacando seu TU_a’ constituído como vítima. Essa atitude pode ser percebida pela marca linguística “ora”¹⁷ presente no enunciado da personagem aluna, por meio da qual ela admite seu cinismo¹⁸. Desse modo, e ainda de acordo com Charaudeau (2006), temos para essa piada uma incoerência na qual os universos de leitura ou as isotopias relacionadas não são estranhos entre si: é possível – como fizemos – detectar uma transferência de sentido por meio dos procedimentos linguísticos: o duplo sentido que assume o verbo falar. Como podemos perceber, esses procedimentos abrem as portas para os imaginários sociodiscursivos sobre a mulher: as picuinhas entre professoras e alunas, exposta pelo desrespeito às hierarquias; e o não admitir “falar da vida alheia” (coloquialmente, fofocar).

16 Fonte: ALMANAQUE COSTUMES E CURIOSIDADE, 1939, p. 32.

17 “Ora”, de acordo com Houaiss (2002), pode significar uma espécie de interjeição com que se “exprime impaciência, menosprezo, espanto, dúvida; ara. Ex.: “ora, não me importunes!”, “ora, que absurdo nos estás dizendo!”

18 Charaudeau (2006) vai considerar essa atitude de agressividade contra o interlocutor não enquanto cinismo, no sentido apontado por Freud (2006), mas como sarcasmo. Por cinismo, Charaudeau (2006, p. 37) postula uma atitude destruidora de valores e normas sociais, na qual o sujeito humorista se mostra avesso a tudo e a todos, não possibilitando uma contra-argumentação.

3.2. Os efeitos de humor e as visadas discursivas

De modo a precisar a descrição e a análise dos atos humorísticos nas piadas, faz-se necessário verificar os possíveis efeitos de humor que procuram atingir os sujeitos nesse ato, e as visadas discursivas correlacionadas. Para Charaudeau (2006), esses efeitos estão relacionados ao chamado que o locutor direciona ao seu destinatário, ou seja, juntamente com efeito do ato humorístico existe a busca de uma convivência do interlocutor contra um determinado alvo. Assim, tem-se para cada efeito possível uma visada correspondente. Por exemplo, durante um ato humorístico em que se pretenda um efeito de derrisão, que objetiva desqualificar o alvo sem a possibilidade de uma contra-argumentação, coexistirá uma visada de derrisão, que procura fazer com que o destinatário partilhe de uma certa insignificância do alvo, isto é, o locutor faz partilhar seu desprezo para com o alvo, que se acredita supervalorizado (CHARAUDEAU, 2006, p. 37-38).

Essa correspondência entre os efeitos e as visadas discursivas, entretanto, deve ser entendida como relativamente biunívoca, pois pode acontecer de um efeito que está voltado para uma determinada convivência do destinatário não corresponder diretamente à visada (efeito) direcionada ao alvo. Logo, podemos dizer que o efeito é direcionado ao destinatário, buscando sua convivência; a visada, por sua vez, procura atingir um alvo de alguma maneira. Em muitos casos, poderemos encontrar uma correspondência biunívoca entre efeito e visada; em outros, essa correspondência poderá ser diferente ou mesmo múltipla.

Até aqui, essas colocações parecem pertinentes em relação às atitudes enunciativas das personagens. Contudo, devemos expandi-las de modo a evidenciar que tais efeitos e visadas podem transcender as situações ficcionais, atingindo o alvo e/ou o TU_d no plano não-ficcional. Essa transcendência é possível devido à possibilidade de fusão entre os sujeitos dentro do ato humorístico. Desse modo, além da natureza dos sujeitos pertencentes à *mise en scène* discursiva, evidenciaremos essa possibilidade de confluência entre os sujeitos dos planos ficcional e não-ficcional a partir das marcas discursivas e linguísticas. Vejamos alguns exemplos:

MAL DE UNS...

— Há dias eu disse à minha mulher uma frase com tanta infelicidade que ela deixou de falar comigo.

— Oh! E não podes me dizer o que foi, para eu repetir à minha?¹⁹

¹⁹ Fonte: ALMANAQUE CAPIVAROL, 1955, p. 12.

Nessa piada, o plano ficcional é formado por uma *mise en scène triádica* na qual podemos perceber duas personagens cujos traços de identidade são definíveis como: sexo (masculino), idade (adulto), estado civil (casado ou amasiado). Essas duas personagens constituem para o ato humorístico, respectivamente, o locutor e o destinatário. O alvo, apesar de não presente na cena, pode ser inferido pelos dizeres de ambas as personagens ao assumirem que possuem companheiras. Esse alvo é deduzido a partir da análise do enunciado desencadeador do ato humorístico, a saber: “Oh! E não podes me dizer o que foi, para eu repetir à minha?”. Nesse enunciado, locutor (EU_c), por meio da modalidade alocutiva “interrogação”, demanda uma informação contida na frase dita pela primeira personagem que, de alguma forma, evitaria um hábito feminino baseado no imaginário social de que as mulheres falam demais. Por meio desse enunciado sarcástico, esse locutor busca uma convivência de derrisão do seu destinatário, tornando-o cúmplice, ao mesmo tempo em que expõe sua visada de derrisão contra o alvo.

No plano não-ficcional, podemos dizer que esse alvo se funde com uma outra entidade, aparentemente ausente na cena, no momento em que se percebe uma sobremodalização do enunciado “Oh! E não podes me dizer o que foi, para eu repetir à minha?” pela modalidade elocutiva “apreciação favorável”. Essa sobremodalização indica a posição do sujeito falante a respeito da alusão ao sucesso da informação contida na frase que a primeira personagem disse à sua esposa. Daí deduzirmos que há um EU_c (narrador da “história engraçada”) que objetiva a cumplicidade (convivência de derrisão) do TU_d (ouvintes/leitores) contra um alvo, de mesma natureza do alvo presente na cena ficcional (as esposas ou companheiras que falam demais).

ATRIZ NÃO!

Pai – Minha filha, você está proibida de ser atriz! Se fôr [sic] trabalhar no cinema, eu a matarei.

Filha – Mas, papai, eu arranjarei um pseudônimo.

Pai – Pois matarei os dois!²⁰

Nesse texto, as personagens pai e filha, respectivamente locutor e destinatário no plano ficcional, discutem sobre o futuro profissional da filha. No enunciado “Pois matarei os dois!” produzido pela personagem pai, percebe-se um ataque ao alvo que, no caso, é múltiplo, ou seja, o ataque recai sobre a filha (transformada em vítima) e sobre a própria lógica do enunciado, uma vez que não se pode matar uma categoria lexical, um pseudônimo.

20 Fonte: ALMANAQUE BRASIL, 1966, p. 31.

Logo, tem-se uma confluência parcial entre o TU_d e o alvo. Novamente, tanto o efeito quanto a visada são de derrisão.

Já no plano não-ficcional, podemos tirar esse ataque do âmbito do absurdo, pois o contexto histórico dessa piada (décadas de 50/60) evidencia uma preocupação dos pais de família contra determinados tipos de trabalhos que uma mulher poderia/deveria assumir. A preocupação é garantir que a personagem filha não desvie de um caminho trilhado pela tradição: ser uma mulher casada, mãe prestativa e, no máximo, secretária ou professora. Desse modo, dizemos que o ataque, nesse plano, se dirige à ideia de trabalho feminino em uma época em que ele compete com um imaginário sociodiscursivo constituído como o mais correto (ser atriz, em 1950, era comparado a ser uma prostituta). O TU_d é chamado a partilhar da intenção do EU_c baseada no desprezo por uma profissão não desejada para a época. Isso pode ser confirmado pela modalização dos demais enunciados da personagem pai, a saber: a “proibição” em “Minha filha, você está proibida de ser atriz!” e a “ameaça” em “Se for trabalhar no cinema, eu a matarei.”

Questiona-se, então: até que ponto o TU_d (ouvinte/leitor ideal) está envolvido nesses textos, uma vez que, como destinatário do ato humorístico, ele também pode ser chamado não somente a ser cúmplice mas também vítima e, desse modo, fusionar-se com o alvo? Para responder a essa questão, devemos refletir sobre as atitudes do sujeito falante em relação ao sujeito ouvinte/leitor.

Charaudeau (1998) discute as diferenças entre narrativa e argumentação de acordo com as atitudes que o sujeito falante, ao construir seu texto, pode adotar. Essas atitudes, diferentes, mas complementares, são orientadas, de acordo com Charaudeau (1998, p. 2-3), para o outro, de modo a: na atitude projetiva: permitir que o outro se identifique com as personagens da narração; na atitude impositiva: fazer com que o outro, por meio de argumentos e raciocínios, entre em um certo esquema de verdade que explica o porquê e o como dos fatos. Ainda segundo o mesmo autor, essas duas atitudes podem se mesclar; porém, uma pode se tornar predominante, dependendo do ato de comunicação.

Considerações finais

Levando-se em conta a amplitude do Discurso Humorístico, podemos dizer que ele engloba vários outros discursos e gêneros, ou seja, utiliza da substância desses outros discursos (e, às vezes, até mesmo de suas estruturas) procurando satisfazer as visadas do sujeito comunicante (EU_c).

Além disso, não devemos nos esquecer de que esse tipo de discurso pode apresentar-se em diversas materializações por meio de atos de comunicação humorísticos nos mais variados gêneros discursivos/textuais, especialmente os pertencentes ao humor, como, por exemplo, as piadas aqui analisadas. Cientes disso, nossa proposta, apoiada nos postulados da Teoria Semiológica, de modo algum pretende fechar as análises do Discurso Humorístico, mas sim mantê-las abertas, mostrando que devemos observar sempre as características gerais e específicas de cada gênero, de cada texto, de cada língua (entendida aqui como sistema) e de cada sociedade em determinado momento histórico, para que tais critérios possam apontar para dados relevantes e seguros em uma dada pesquisa.

Referências bibliográficas

ALMANAQUE BRASIL. Rio de Janeiro: Gráfica Muniz, 1966.

ALMANAQUE CAPIVAROL. São Paulo: Editora Impres, 1955.

ALMANAQUE COSTUMES E CURIOSIDADES. Rio de Janeiro: Warner International Cooperation, 1939.

BARROS, Diana Luz Pessoa. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 187-219.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit. In: *Le Français aujourd'hui*, 123, Association Française des Enseignants de français. Paris, 1998.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (orgs) *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick. *Des catégories pour l'humour*. Questions de communication: humor et média. Définitions, genres et cultures. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, n. 10. 2006. p. 19-41.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: os modos de organização do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HOUAISS, Antônio et al. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2002.

LARA, Gláucia Muniz Proença. A produtividade da noção de isotopia na construção de sentidos dos textos. In: SEMINÁRIO DE TÓPICO VARIÁVEL EM ANÁLISE DO DISCURSO: NOÇÕES BÁSICAS DE SEMIÓTICA DO DISCURSO (apostila), UFMG, POSLIN, FALE, 2008.

MELLO, Renato. Teatro, gênero e análise do discurso. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato (orgs). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 87-106.

MELLO, Renato. A Análise do discurso e suas interseções com a crítica literária. In: MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander; MENEZES, Willian (orgs). *Análise do Discurso: gêneros, comunicação, e sociedade*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2006, p.287-297.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. 5ª reimpr. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.

VALE, Rony Petterson Gomes do. *A mulher nas piadas de almanaques: estratégias discursivas e representações sociais*. 2009. 135f. Dissertação (mestrado) – UFMG, FALE, POSLIN, Belo Horizonte.